

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Kayleigh Freire Lima

**METAMORFOSES EM REDE: DESAFIOS E PERSPECTIVAS DA SOCIOLOGIA NA ERA
DIGITAL.**

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso). Orientador: Rogéria da Silva Martins.

Juiz de Fora
2024

DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, KAYLEIGH FREIRE LIMA, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 202073130A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **METAMORFOSES EM REDE: DESAFIOS E PERSPECTIVAS DA SOCIOLOGIA NA ERA DIGITAL**, desenvolvido durante o período de 22/07/2024 a 30/09/2024 sob a orientação de Rogéria da Silva Martins, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, ____ de _____ de _____.

KAYLEIGH FREIRE LIMA

Marcar abaixo, caso se aplique:

Solicito aguardar o período de () 1 ano, ou () 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

OBSERVAÇÃO: esta declaração deve ser preenchida, impressa e **assinada** pelo aluno autor do TCC e inserido após a capa da versão final impressa do TCC a ser entregue na Coordenação do Bacharelado Interdisciplinar de Ciências Humanas.

METAMORFOSES EM REDE: DESAFIOS E PERSPECTIVAS DA SOCIOLOGIA NA ERA DIGITAL.

Kayleigh Freire Lima¹

RESUMO

A sociologia enfrenta um desafio considerável com as profundas transformações introduzidas pelas novas tecnologias digitais no século XXI, uma vez que essas inovações têm alterado significativamente a forma como obtemos e produzimos informações. Apesar dessas contínuas metamorfozes, as ciências sociais ainda abordam essas mudanças de maneira insuficiente. Deste modo, se torna primordial o exercício de reflexão sobre questões como a ética da pesquisa em ambientes digitais, a análise de grandes volumes de dados e a construção de teorias e metodologias que consigam abordar a complexidade de uma sociedade mediada pelas redes digitais. Tendo em vista o cenário atual de produções bibliográficas, o presente artigo tem como objetivo mapear os principais desafios enfrentados pelas ciências sociais no contexto da digitalização crescente da sociedade, com destaque para a sociologia. Além disso, busca-se apresentar as propostas e as perspectivas do campo emergente da sociologia digital, que se configura como um espaço de diálogo e reflexão sobre as transformações sociais induzidas pelas tecnologias digitais.

PALAVRAS-CHAVE: sociologia digital, sociedade digital, relações mediadas em rede.

1. INTRODUÇÃO

A presença de um uso generalizado de tecnologias digitais tem se tornado, no decorrer dos últimos anos, cada vez mais assídua, e sua ubiquidade nas sociedades contemporâneas é inegável. Desde o advento da internet e dos computadores pessoais, essas ferramentas têm permeado todos os âmbitos da vida social, econômica e cultural, reconfigurando as relações humanas, as práticas de trabalho e as formas de produção e consumo. As redes sociais, a internet e a inteligência artificial são apenas alguns exemplos de como a digitalização transformou a sociedade, desafiando paradigmas estabelecidos e criando novas dinâmicas.

A sociologia, por sua vez, tem se debruçado no estudo sobre a relação entre tecnologia e sociedade. Esse interesse intensificou-se no século XIX, à medida que a industrialização e a automação dos processos produtivos, frutos da Revolução Industrial, impactaram significativamente as estruturas sociais e a disseminação de informações, bem como a relação capital-trabalho. Da mesma forma, entender como a proliferação de dados digitais, a popularização das redes sociais e o desenvolvimento de ferramentas de análise reverberam nas relações contemporâneas tornou-se um crescente foco para a disciplina.

Ao longo das últimas três décadas, as constantes transformações tecnológicas colocaram as ciências sociais diante de novos desafios. A vasta quantidade de dados digitais gerados têm revelado características singulares que intensificam as relações entre sociedade e tecnologia, além de influenciar a construção de significados sociais. Nesse contexto, torna-se essencial refletir sobre novas formas de praticar a sociologia em uma sociedade cada vez mais mediada digitalmente. Assim, a própria sociologia passa a ser objeto de investigação, com o surgimento de um campo emergente conhecido como sociologia digital.

Dividido em seis seções (exceto pela introdução e as considerações finais), este artigo tem como principal objetivo mapear os obstáculos enfrentados pelas ciências sociais no contexto da crescente digitalização da sociedade, e apresentar as propostas da emergente sociologia digital como uma resposta a esses. Com base em uma revisão da literatura atual, observando o estado da arte das referências, o trabalho começa abordando as implicações das teorias deterministas para a pesquisa social, buscando esclarecer o caráter sociotécnico da relação entre sociedade e tecnologia. Em seguida, analisa-se a problemática da dicotomia real/virtual e suas limitações na compreensão de como essa interatividade reconfigura relações sociais, identidades e estruturas de poder. Ainda no que se refere aos desafios, a produção massiva de

¹ Graduando em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientador: Rogéria da Silva Martins.

dados digitais e seus impactos na pesquisa sociológica também será explorada. Reconhecendo a necessidade de novas abordagens teórico-metodológicas capazes de captar as nuances dessa relação, a quarta seção apresentará a sociologia digital como um campo promissor, delineando sua agenda de pesquisa e destacando as diversas formas pelas quais as tecnologias digitais estão sendo integradas às práticas sociológicas, reconfigurando métodos e objetos de estudo.

2. UMA SOCIEDADE EM REDE: DESAFIOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Para compreendermos o contínuo processo de digitalização da sociedade, se faz essencial delimitar o que se entende por 'digital'. O termo 'mídias digitais' refere-se a formas de conteúdo e comunicação que utilizam tecnologias baseadas em dados digitais. Diferentemente das mídias analógicas, que empregam suportes físicos em sua operação, as mídias digitais são compostas por informações transformadas em sequências numéricas, as quais podem ser armazenadas, processadas e transmitidas eletronicamente (MARTINO, 2015). Contudo, no contexto atual, o 'digital' transcende o mero domínio tecnológico, passando a constituir um intrincado tecido de práticas sociais que entrelaçam humanos e não-humanos em ações que permeiam a vida social, resultando em novos encadeamentos para a teoria e a pesquisa social (PADILHA; FACIOLI, 2018).

O 'digital' aqui expresso encapsula as transformações culturais e sociais decorrentes da integração das tecnologias digitais em nossas vidas, caracterizando-se enquanto um processo fluido e em constante mudança. Dessa forma, ao falarmos em mídias digitais, nos referimos a um processo sociotécnico mais amplo, que abrange a transformação das relações sociais, dos modos de fabricação e consumo, e das formas de organização da sociedade (MISKOLCI, 2016). O caráter sociotécnico desta relação ilustra como as tecnologias computacionais moldam as práticas sociais, ao mesmo tempo em que são influenciadas pelas necessidades e comportamentos de um contexto social específico. Essa dimensão vem a romper com as concepções tecnológicas de uma teoria determinista preexistente: o determinismo tecnológico. Historiadores como Smith e Marx (1994) destacam a existência de uma distinção entre duas visões dentro dessa abordagem: a 'visão dura' do determinismo tecnológico, e a 'visão suave'.

O determinismo de 'visão dura' (*hard determinism*) postula que a tecnologia e os avanços técnicos são a força motriz por trás das mudanças nas estruturas sociais. Para os seus defensores, o progresso tecnológico ocorre de forma autônoma, avançando independentemente das restrições sociais que o cercam. Essa abordagem se fez presente em grande parte das pesquisas realizadas até a primeira década do século XXI, uma vez que a massificação do acesso à internet ocorrida nos anos após 1990 passou a desafiar a maneira como compreendemos a sociedade e as relações sociais. No entanto, essa perspectiva revelou-se insuficiente para abarcar a profundidade da relação entre tecnologia e transformações sociais.

Rejeitando a radicalidade do determinismo tecnológico e questionando a viabilidade da autonomia atribuída às tecnologias digitais, seus críticos argumentam que a criação e o uso de qualquer artefato tecnológico envolve, necessariamente, a agência humana. Isso se deve ao fato de que nenhuma tecnologia pode iniciar uma ação que não tenha sido previamente programada por seres humanos (SMITH; MARX, 1994). É no cerne desse pensamento relativista, que busca incorporar o caráter sociotécnico das relações nas discussões sobre tecnologia, que é sugerida a noção de uma 'visão suave' (*soft determinism*). Nessa perspectiva, a mudança tecnológica e a mudança social são processos interdependentes e mutuamente constitutivos, que contemplam as articulações entre "infraestrutura, redes, dispositivos e as práticas sociais a eles associadas" (PADILHA; FACIOLI, 2018, p. 306).

Conforme proposto pelas críticas anti deterministas de Raymond Williams (2004), é fundamental destacar o papel ativo dos grupos sociais tanto na construção quanto na utilização das mídias. Essa mesma premissa é sustentada por Mackenzie e Wajcman (1999), que enfatizam a importância de uma participação consciente ao afirmar que:

A visão de que a tecnologia apenas muda, seja seguindo a ciência ou por conta própria, promove uma atitude passiva em relação à mudança tecnológica. Ela concentra nossas mentes em como nos adaptar à mudança tecnológica, não em como moldá-la. Ela remove o aspecto vital de como vivemos da esfera

da discussão pública e política. (MACKENZIE; WAJCMAN, 1999, p. 5)

Em uma entrevista concedida à Padilha e Facioli (2020), o professor Sérgio Amadeu Silveira reflete sobre o influente papel que as condições políticas e econômicas possuem neste processo. Ao exemplificar, através de acontecimentos históricos concretos, como tais fatores criam um terreno fértil para o surgimento de novas tecnologias e de novas formas de utilizá-las, Silveira demonstra o desdobramento do caráter sociotécnico desta relação:

Para as redes cibernéticas recobrirem o planeta foi necessário além das condições técnicas, condições políticas e econômicas. A guerra fria deu um impulso em inventos e no avanço da comunicação distribuída. O neoliberalismo foi crucial para acelerar tecnologias úteis à transferência rápida de capitais. O avanço do capitalismo neoliberal e o fim da União Soviética culminou com a abertura de fronteiras e a intensificação do fluxo de capitais e das redes digitais. As privatizações de setores de infraestrutura, como o das telecomunicações, gerou grandes oligopólios e intensificou os níveis de disputa e destruição de barreiras no mundo que deveria ser transformado em um grande mercado global. (SILVEIRA; 2020, p. 365)

Apesar dos esforços empregados ao decorrer das últimas duas décadas para desmistificar a tecnologia enquanto potência governante, a contínua e acentuada digitalização da sociedade tem atribuído novos obstáculos ao ofício sociológico. Com o surgimento de teorias que buscavam explorar as novas formas de socialização mediadas em rede, a dicotomia entre o real e o virtual tornou-se cada vez mais tênue, desafiando a própria definição de sociabilidade. A explosão dos megadados e a proliferação de plataformas digitais acabam por fragmentar o campo de estudo, tornando cada vez mais difícil acompanhar as transformações em tempo real. Nesse contexto, a sociologia se vê desafiada a repensar seus conceitos, teorias e métodos, buscando compreender as novas formas de sociabilidade presentes em uma era digital.

2.1 CONCEBENDO ESPAÇOS: USOS E NÃO USOS

É possível utilizarmos o conceito de ciberespaço, desenvolvido por Pierre Lévy (1998), como exemplo concreto de uma teoria de visão determinista. A construção da ideia de um espaço cibernético independente tornou-se um elemento significativo para fragmentação entre o real e o virtual. Ao estabelecer suas relações em esferas à parte uma da outra, é atribuído ao ciberespaço as suas próprias leis e dinâmicas, as quais seriam inteiramente capazes de regular as relações que se desdobram neste plano (MISKOLCI; BALIEIRO, 2018). Essa perspectiva, ao centralizar o aspecto técnico como autônomo, subestima a interferência dos contextos socioculturais nos usos e significados das tecnologias digitais.

Em contraste, a especialista em comunicação Nancy Baym (2010) argumenta que a comunicação mediada não compõe um ambiente emancipado, mas sim um recurso complementar que os indivíduos utilizam para estabelecer e manter conexões. Essa ferramenta, intrinsecamente ligada às experiências cotidianas, é moldada pelas realidades concretas dos seus usuários. Portanto, as interações *online* não podem ser compreendidas isoladamente (apud MISKOLCI; 2016, p. 284).

Adicionalmente, o pesquisador Scott McQuire (2011) afirma que as mídias não são um mero reflexo da realidade, mas um agente ativo na construção da nossa experiência social. Para o autor, a crescente interconexão entre os espaços urbanos e as tecnologias de rede tem transformado as cidades em ecossistemas digitais, configurando o que ele denomina de 'cidades midiáticas'. Por meio deste termo, McQuire alega que as mídias se tornam o próprio ambiente em que vivemos, percepções, valores e, conseqüentemente, comportamentos. Essa associação é realçada por pesquisadores como Thrift (2004), ao defender que a agência dos indivíduos na era digital é fortemente condicionada por um 'inconsciente tecnológico'.

Embora idealizadas como espaços democráticos e nivelados, as mídias digitais possuem suas próprias estruturas hierárquicas. A capacidade de mobilizar grandes audiências e o acesso a recursos

especiais conferem a determinados atores o poder de configurar a dinâmica das redes, afetando de forma notável a produção, a circulação e o consumo de informações. Como exposto por Oudshoorn e Trevor Pinch (2003) na antologia *How Users Matter: The Co-Construction of Users and Technology* (Como os usuários são importantes: a co-construção de usuários e tecnologia):

Diferentes grupos envolvidos no design de tecnologias podem ter visões diferentes de quem o usuário pode ou deve ser, e esses diferentes grupos podem mobilizar diferentes recursos para inscrever suas visões no design de objetos técnicos (Oudshoorn et al., a ser publicado). E esses diferentes tipos de usuários não implicam necessariamente categorias homogêneas. Diferenças de gênero, idade, socioeconômicas e étnicas entre os usuários podem ser relevantes. Devido a essa heterogeneidade, nem todos os usuários terão a mesma posição em relação a uma tecnologia específica. Para alguns usuários, o espaço para manobra será grande; para outros, será muito pequeno. (OUDSHOORN; PINCH, 2003, p.6)

Neste sentido, faz-se necessário conjecturar as nuances dessa relação, uma vez que não há uma única forma de se interagir com as tecnologias digitais. Para Oudshoorn e Trevor Pinch (2003), a premissa de que os indivíduos se encontram em uma de duas categorias – usuários ou não usuários de tecnologia – limita a compreensão das relações estabelecidas com as mídias digitais, pois essa binária acaba por ocultar a diversidade das formas de engajamento com a tecnologia, assim como as razões socioculturais subjacentes a essas escolhas (apud FACIOLI; PADILHA, 2020). No terceiro capítulo da obra, a professora de cultura digital Sally Wyatt explora algumas das características que podem configurar o não uso de dispositivos tecnológicos:

Esta taxonomia preliminar identifica quatro tipos diferentes de não usuários: “resistentes” (pessoas que nunca usaram a tecnologia porque não querem), “rejeitadores” (pessoas que não usam mais a tecnologia porque a acham chata ou cara ou porque têm alternativas), “excluídos” (pessoas que nunca usaram a tecnologia porque não conseguem ter acesso por vários motivos) e “expulsos” (pessoas que pararam de usar a tecnologia involuntariamente devido ao custo ou à perda de acesso institucional). (WYATT, 2003, apud OUDSHOORN; PINCH, 2003, p. 18)

Assim, ao reduzir a experiência digital a uma dicotomia simplista, perde-se de vista as particularidades e desigualdades que a permeiam. Como um elemento essencial da cultura contemporânea, a experiência digital exerce uma influência significativa, afetando até mesmo aqueles que ocupam posições marginais em relação às tecnologias digitais. Nesse quadro, a perspectiva da construção social da tecnologia destaca a relação dialética entre artefatos tecnológicos e contextos socioculturais, evidenciando ainda mais suas interações com o advento dos *big data* (megadados).

2.2 O FENÔMENO DOS MEGADADOS

Os “megadados”, conhecidos como *big data*, referem-se a um conjunto de dados altamente complexos, produzidos em grande volume, velocidade e variedade. Esse processo permite a coleta, o armazenamento, o processamento, e a análise de dados pessoais de usuários em redes digitais, como gênero, raça, comportamento de consumo, dentre outros (NASCIMENTO, 2016). O vasto volume de dados gerados diariamente promete maior eficiência na tomada de decisões mais precisas e estratégicas. Por exemplo, ao monitorar o histórico de busca de seus usuários, empresas como o Google conseguem selecionar e exibir os resultados e anúncios mais relevantes para cada perfil. Na área da saúde, os megadados têm possibilitado diagnósticos clínicos mais precisos, assim como o desenvolvimento de tratamentos mais eficazes.

Tendo em vista que os processamento dos *big data* se baseiam e, eventualmente, implicam diretamente nas interações e dinâmicas sociais, Lupton (2015) argumenta que eles não devem ser reconhecidos como um mero conjunto de dados. Para a autora, os *big data* devem ser entendidos como artefatos socioculturais. Na ciência da informação e na análise de dados, estes são frequentemente apresentados como matéria-prima essencial para a geração de informações, enquanto os algoritmos são considerados agentes neutros responsáveis pelo processamento. Neste modelo, os dados são vistos como uma base científica para a construção da informação, sendo inicialmente coletados e apresentados de maneira bruta, para depois serem analisados e interpretados. No entanto, essa transformação envolve a aplicação de algoritmos que, embora aparente ser neutros, são moldados por decisões e suposições entrelaçadas em significados complexos, crenças culturais e julgamentos de valor (RASANEN; NYCE, 2013).

Os *big data*, neste contexto, surgem como um exemplo emblemático de como a articulação entre humanos e não humanos é intencionalmente moldada para atender a interesses específicos, orientando de maneira inconsciente as ações e percepções individuais. A manutenção de relações de poder mediadas pelas redes digitais torna-se uma preocupação central, especialmente no que diz respeito aos sistemas algoritmos e à democratização. Silveira (2020), na mesma entrevista mencionada anteriormente, apresenta suas hipóteses sobre como essa relação pode ser afetada:

Primeiro, nos espaços online e nas chamadas redes sociais, eles podem atuar sobre as condições e procedimentos indispensáveis à existência da democracia. Os sistemas algorítmicos podem distorcer e alterar as condições mínimas e indispensáveis de equidade entre as forças políticas que disputam a opinião pública e o voto. Segundo, podem modular os processos de formação e de formatação da opinião pública, sem que isso seja transparente. A modulação é a principal técnica das plataformas, não sendo baseada no discurso, mas no controle do que se vê, se lê e se ouve. Terceiro, os sistemas algorítmicos atuam diretamente sobre a privacidade a partir da vigilância pervasiva dos dispositivos. A questão é que a democracia não pode conviver com tamanha opacidade e poder das corporações. (SILVEIRA; 2020, p.367)

A manipulação de dados massivos para a criação de perfis comportamentais com o objetivo de direcionar campanhas publicitárias é vista por Silveira como uma nova forma de conduzir a pesquisa social aplicada. No entanto, o professor questiona as implicações desse processo para a compreensão da subjetividade humana. A questão central de seu argumento é: até que ponto a quantificação da vida por meio de fluxos de dados pode capturar a complexidade da experiência humana? Embora esse desafio epistemológico permaneça, Miskolci e Balieiro (2018) trazem à tona uma discussão ainda pouco explorada acerca do uso de *small-data*, considerando-o enquanto uma ferramenta promissora para a pesquisa social qualitativa:

Os megadados trouxeram discussões sobre as novas formas de controle social e exploração midiático-comercial das relações sociais no presente, assim como originaram reflexões metodológicas para lidar com essa nova realidade. Por sua vez, tal perspectiva deixou de explorar outras novidades, como o fato de que nas relações mediadas digitalmente tudo passa a ser documentado criando um arquivo crescente e rico para a pesquisa social qualitativa (o que alguns tratam como *small-data*). (MISKOLCI; BALIEIRO, 2018, p. 146)

A vastidão dos *big data* oferece um potencial transformador para as ciências sociais, mas também exige uma reflexão cuidadosa sobre os limites e as implicações éticas de seu uso. Dada a opacidade de sua natureza, é essencial que os pesquisadores desenvolvam um olhar crítico para identificar os desafios e oportunidades que essas novas tecnologias apresentam (NASCIMENTO, 2016).

3. SOCIOLOGIA DIGITAL: UMA PROPOSTA

O termo sociologia digital possui suas raízes no início do século XXI, seu primeiro uso podendo ser traçado ao artigo “Sociologia digital: tecnologias emergentes no campo e na sala de aula”, publicado em 2009 e redigido por Jonathan Wynn. No Brasil, a expressão foi introduzida no debate acadêmico em 2012 por James Witte. Em um artigo publicado na revista *Sociologies*, Witte argumenta que a sociologia mostrou-se reticente em reconhecer a profundidade das transformações sociais e econômicas trazidas pela revolução informacional, que ele compara às mudanças provocadas pela Revolução Industrial. Witte, então, apresenta a sociologia digital como um novo subcampo de pesquisa nas ciências sociais, voltado para o estudo das dinâmicas sociais provenientes dessas transformações.

A despeito dos trabalhos mencionados anteriormente, não foi até a publicação do livro “*Sociologia Digital: perspectivas críticas*”, organizado por Kate Orton-Johnson e Nick Prior em 2013, que houve a consolidação da sociologia digital enquanto um campo de pesquisa autônomo (MISKOLCI; BALIEIRO, 2018). A obra reúne pesquisadores de diversas áreas da sociologia para analisar a interface entre o social e o digital, com a finalidade de contribuir ao debate sobre os seguintes temas:

[...] os conceitos sociológicos existentes ainda são adequados a um propósito ou agora estão além do reconhecimento, em novas aplicações e contextos sociais em mudança? Como a sociologia pode reavaliar suas ideias centrais em um cenário interdisciplinar? Até que ponto a ‘imaginação sociológica’ é uma base suficiente para iniciar investigações em mundos digitais com índices cruzados ou mesmo transdisciplinares? E se a [sociologia enquanto] disciplina for considerada necessária, que tipos de empréstimos disciplinares, combinações e confrontos podemos esperar ou até incentivar? (PRIOR; ORTON-JOHNSON, 2013, p. 2)

Outro lançamento com o objetivo de aprofundar a construção desta disciplina nasceu dois anos após a coletânea de Orto-Johnson e Prior, mediante a publicação da obra *Digital Sociology* (2015), da professora australiana Deborah Lupton. Ao escrevê-lo, Lupton pretende “introduzir uma gama de dimensões sociais, culturais e políticas interessantes da sociedade digital e discutir alguns dos debates mais importantes que ocorrem nas pesquisas sobre estes aspectos” (LUPTON, 2015, p.7). Seu livro fundamenta que a sociologia, diante da onipresença das tecnologias digitais em todos os aspectos da vida social, precisa se adaptar e desenvolver uma prática de pesquisa que seja capaz de analisar e compreender as novas dinâmicas sociais mediadas pelo digital.

Como forma de orientá-la, a autora propõe uma nova perspectiva para a sociologia digital, dividindo-a em uma tipologia de quatro categorias: 1) a profissionalização digital, que investiga o uso de ferramentas digitais no trabalho; 2) a análise de dados digitais, que explora o potencial dos dados para a pesquisa social; 3) os estudos sobre o uso e os impactos das mídias sociais no comportamento dos indivíduos; 4) e a sociologia digital crítica, que busca compreender as mídias digitais a partir de uma perspectiva teórica mais ampla. Para a autora, torna-se primordial que a sociologia aproxime-se destes pilares, de forma a priorizá-los.

Dois nomes adicionais os quais têm contribuído para o desenvolvimento de novas teorias e de novas formas de conceber a sociologia digital são os de Noortje Marres (2017) e Neil Selwyn (2019). Marres, ao elaborar seu livro de título *Digital Sociology: the Reinvention of Social Research* (Sociologia Digital: A Reinvenção da Pesquisa Social), se concentra em analisar criticamente os limites e as possibilidades que os novos métodos digitais de pesquisa oferecem para a investigação social. À partir de suas observações, Marres elabora três vertentes como principais preocupações para a sociologia digital: 1) a investigação dos fenômenos sociais mediados digitalmente, 2) a utilização de métodos e ferramentas digitais na pesquisa sociológica e 3) o emprego de plataformas digitais para a divulgação e o debate sobre os resultados das pesquisas. Deste modo, Marres procura compreender as seguintes questões:

Indiscutivelmente, agora que o digital está se tornando um fato social total, todos os projetos de sociologia digital devem, de

alguma forma, abordar cada um dos três 'digitais' e fazer a pergunta: como o digital modifica [inflect] meu objeto de estudo, meus métodos e a comunicação do meu trabalho? Os diferentes elementos – objeto, métodos, plataforma – também podem ser usados para se referir a diferentes aspectos do design da pesquisa em sociologia digital: sobre o que é este estudo? Que métodos usamos? Como comunicamos nossa pesquisa? (MARRES, 2017, p. 32)

Já Neil Selwyn, pesquisador na Universidade de Monash, na Austrália, evidencia em seu escrito "O que é sociologia digital?" (2019) que a análise da relação entre tecnologia e sociedade transcende a sociologia digital, apresentando raízes profundas nas obras dos sociólogos clássicos e contemporâneos, e visa identificar os aspectos do digital que justificam um novo debate sociológico (apud NASCIMENTO, 2020). O pesquisador defende a sociologia digital como agente fundamental para que seja possível navegar de forma consciente e crítica pelo mundo digital. Ao identificar os problemas e as oportunidades que as tecnologias digitais apresentam, Selwyn afirma que investir nesta área do conhecimento pode nos permitir construir sociedades mais justas e equitativas.

Consolida-se para a sociologia digital, então, as seguintes preocupações: desvendar as complexidades das relações sociais na era digital, ao investigar como as tecnologias digitais moldam nossas relações sociais, identidades e comportamentos, perpassando pela forma como nos comunicamos, interagimos e construímos comunidades; identificar as desigualdades, ao estudar o acesso à tecnologia, a digitalização do trabalho e a privacidade online; assim como promover o debate público sobre os desafios da era digital sobre questões como a privacidade, a segurança online, a ética na utilização de dados e o impacto das tecnologias digitais na democracia. Ao compreender os impactos das tecnologias digitais na sociedade, torna-se possível a contribuição para o desenvolvimento de políticas públicas que promovam a conscientização sobre o uso responsável e equitativo das tecnologias.

Lupton complementa estes pontos ao trazer à luz a importância de serem pensados, também, os métodos de pesquisa que irão constituir-lo. A autora afirma que o surgimento da sociologia digital sinaliza uma nova era para a sociologia. Uma vez que esta vai além da análise de fenômenos específicos, ela coloca em xeque as premissas e os métodos tradicionais da disciplina. Desta forma, a autora argumenta que os sociólogos que exploram esse campo estão à frente de um debate crucial sobre o futuro da sociologia, buscando torná-la mais dinâmica e capaz de dar conta das transformações sociais em curso (LUPTON, 2015).

A sociologia digital, portanto, nasce como um campo de estudo crucial em um contexto histórico-social marcado pela hermética articulação entre as transformações tecnológicas e sociais. Sua esfera se atenta não apenas à investigação das ferramentas digitais, mas sim, às transformações sociais que estas engendram. Ao questionar os paradigmas tradicionais de pesquisa e propor novas abordagens para redirecionar a conduta sociológica, a sociologia digital manifesta-se enquanto um espaço em contínua construção, uma vez que é exigida a constante atualização de conceitos e métodos ao acompanhar o intenso fluxo de informações produzido.

4. NOVOS HORIZONTES: POSSIBILIDADES DE PESQUISA

Ao longo dos anos, a pesquisa social tem passado por grandes transformações com o crescente uso de ferramentas computacionais. Embora métodos tradicionais, como etnografia, entrevistas, questionários e observação participante, ainda sejam valiosos para a investigação das práticas sociais mediadas por tecnologias digitais, é inegável que os pesquisadores têm recorrido cada vez mais a ferramentas computacionais. Esse movimento se deve a diversos fatores, incluindo a possibilidade de analisar grandes volumes de dados e identificar padrões que seriam difíceis de detectar com os métodos convencionais.

Em 2001, Tom Dwyer, professor do Departamento de Sociologia da Universidade Estadual de Campinas, publicou um artigo intitulado "Inteligência artificial, tecnologias informacionais e seus possíveis impactos sobre as Ciências Sociais", no qual ele traça um panorama das transformações que as ciências sociais vem enfrentando com o avanço das tecnologias de informação. Dwyer destaca que softwares como o NVivo tem democratizado o acesso a ferramentas sofisticadas de análise qualitativa, permitindo a codificação

automatizada de textos, imagens e outros tipos de dados. Ele argumenta que esses programas ampliam significativamente os horizontes da pesquisa social, pois possibilitam a construção de bases de dados complexas, a identificação de padrões ocultos e a testagem de hipóteses de forma mais rigorosa. Segundo o autor, o que era antes uma tarefa árdua e demorada, tornou-se uma atividade mais dinâmica e interativa, facilitando o trabalho dos pesquisadores.

De forma semelhante, Leonardo Nascimento (2020) observa que o uso de softwares de análise qualitativa assistida por computador (CAQDAS) permite aos pesquisadores construir redes conceituais e relacionar dados de maneira visual, facilitando a integração entre teoria e dados empíricos. Nascimento argumenta que, ao organizar as leituras em Unidades Hermenêuticas e criar códigos, citações e anotações, os pesquisadores conseguem elaborar uma compreensão mais detalhada dos fenômenos sociais.

Silveira (2020) também destaca que os arranjos de big data possibilitam uma análise mais profunda de fenômenos complexos, enquanto a teoria dos grafos e os algoritmos de linguagem natural tem proporcionado uma compreensão mais precisa das dinâmicas de grupos políticos em redes digitais e das nuances da linguagem. No entanto, Silveira alerta para o caráter construído dos dados, lembrando que “um dado não dá em árvore, nem é como o petróleo, um recurso natural. Dados são projetados. Dados antes de serem coletados precisam de um dispositivo de coleta” (SILVEIRA, 2020, p. 368).

5. UMA AGENDA EM CONSTRUÇÃO: ALGUNS FOCOS

A Sociologia Digital, como um campo emergente e dinâmico, oferece um leque de possibilidades e desafios para o futuro. Diversos teóricos e pesquisadores têm apresentado agendas voltadas a impulsionar o desenvolvimento desse campo e aprofundar a compreensão das relações entre a sociedade e a tecnologia. Entre as principais propostas discutidas ao longo do artigo está a necessidade de desenvolver metodologias específicas para a análise de dados digitais. Isso inclui a criação de ferramentas e técnicas capazes de coletar, analisar e interpretar grandes volumes de dados, como as redes sociais, os logs de atividades online e os dados de sensores. A combinação de métodos quantitativos e qualitativos é fundamental para capturar a complexidade das interações sociais no ambiente digital, garantindo uma análise mais completa e precisa dos fenômenos sociais contemporâneos. Andrew Abbott, professor de sociologia na Universidade de Chicago corrobora com esta necessidade em seu artigo “Reflexões sobre o futuro da sociologia” (2000), escrito para a revista *Contemporary Sociology* (sociologia contemporânea):

A Sociologia precisa de uma nova e grande idéia teórica. (Você não está entediado com Weber? Com Durkheim? E talvez até com Marx?). São dois os fatores que nutrem uma grande teoria: a teoria previamente produzida e a reflexão sobre o mundo empírico. Em minha opinião, temos hoje demasiados teóricos que não fazem nada além de pensar sobre a teoria previamente produzida. (...) Importantes teorias sociais sempre crescem a partir de um extenso trabalho empírico. (ABBOTT; 2000, p. 299)

A ampliação da interdisciplinaridade no campo de pesquisa torna-se um grande foco, igualmente. Considera-se importante a colaboração entre sociólogos, cientistas da computação, engenheiros, filósofos e outros especialistas como sendo fundamental para abordar a complexidade dos fenômenos digitais. A interdisciplinaridade permite uma compreensão mais abrangente dos fenômenos sociais mediados por tecnologias digitais, e facilitando o desenvolvimento de soluções para as adversidades impostas pela era digital. Esta proposta é reforçada por Richard Miskolci, ao afirmar que “uma perspectiva aberta à interdisciplinaridade permitiria à sociologia digital reencontrar a atualidade da tese do sociólogo David Riesman sobre as transformações subjetivo-estruturais causadas pela exposição à mídia” (MISKOLCI; 2016, p.292).

Outro ponto central é a análise crítica sobre como as plataformas digitais influenciam e moldam as interações sociais, as relações de poder e os processos de construção de conhecimento. Questões como a privacidade, a moderação de conteúdo e os algoritmos de recomendação são temas centrais nessa linha de pesquisa, investigando como estes se tornam capazes de reproduzir ou ampliar as desigualdades sociais, étnicas e de gênero. Nesse sentido, a reflexão ética torna-se uma pauta relevante. Pesquisadores neste

subcampo devem adotar uma postura vigilante quanto aos impactos sociais e individuais das tecnologias digitais, desenvolvendo pesquisas que respeitem os direitos humanos e a privacidade dos indivíduos.

Embora esses objetivos estejam sendo delineados, ainda há muito a ser explorado para que a sociologia digital alcance uma estrutura consolidada. A sociologia digital é um trabalho em construção, em especial, no âmbito acadêmico brasileiro. Conforme observado por Balieiro e Miskolci (2018), “Uma agenda de pesquisa de Sociologia Digital contribuiria para a consolidação da área em nosso país em sintonia com o cenário disciplinar internacional” (BALIEIRO; MISKOLCI; 2018, p. 152).

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo oferece uma avaliação crítica e abrangente das novas dinâmicas sociais mediadas pelas redes digitais, além de discutir as implicações do fenômeno dos *big data*. Ao explorar tanto as limitações quanto às oportunidades proporcionadas pelas tecnologias digitais, destaca-se a importância de reconhecer a historicidade da agência humana neste processo, assim como a centralidade da ética na análise de dados digitais. A sociologia digital surge, assim, como um campo em construção, que demanda o desenvolvimento de novas metodologias, conciliando abordagens qualitativas e quantitativas para captar a complexidade dos fenômenos sociais contemporâneos. Nesse sentido, ela se estabelece como uma área interdisciplinar essencial para a compreensão das relações sociais atuais, especialmente diante dos desafios relacionados à privacidade, à democracia e às desigualdades digitais.

Contudo, à medida que os limites entre o social e o tecnológico se tornam cada vez mais indistintos, torna-se fundamental uma reconfiguração do pensamento sociológico. Redes digitais, algoritmos e plataformas não apenas retratam sociedades, mas as moldam ativamente, transformando, assim, as esferas pública e privada, os sistemas de poder e as dinâmicas de exclusão. Embora o uso crescente do *big data* na pesquisa social conceda novas possibilidades metodológicas, ele também impõe desafios epistemológicos profundos: até que ponto os dados digitais conseguem apreender a complexidade das práticas sociais? E como evitar que as interpretações desses dados reforcem desigualdades ou favoreçam interesses hegemônicos? Além disso, a falta de transparência quanto aos algoritmos e as implicações éticas da automação de decisões sociais exigem atenção especial, uma vez que seus efeitos, muitas vezes invisíveis, têm impactos concretos nas vidas cotidianas.

A construção da sociologia digital, portanto, não envolve apenas a ampliação do arcabouço teórico-metodológico da disciplina, mas também uma disposição para enfrentar as complexidades emergentes de um mundo cada vez mais digitalizado. A sociologia tradicional, centrada em interações humanas diretas, precisa ser repensada em um contexto onde as fronteiras entre o *online* e o *offline* se desintegram. Mais do que a adoção de novos métodos, a sociologia digital exige uma revisão dos conceitos fundamentais que orientam a análise social. Termos como classe, poder e desigualdade devem ser reinterpretados à luz das redes digitais, que criam novos espaços de interação e redistribuem as hierarquias sociais de maneira nem sempre visível. Assim, a sociologia digital não desabrocha apenas como um novo campo de estudo, mas como uma provocação à disciplina, desafiando-a a reconsiderar suas bases e enfrentar criticamente as implicações de um mundo cada vez mais moldado por lógicas tecnológicas.

REFERÊNCIAS

ABBOTT, A. Reflections on the Future of Sociology. **Contemporary Sociology**, New York, v. 29, n. 2, p. 296, 2000.

BAYM, Nancy K. **Personal Connections in the Digital Age**. Cambridge, Polity Press, 2010.

FACIOLI, Lara; PADILHA, Felipe. Apresentação. Sociologia digital—tópicos e abordagens teórico-metodológicas da pesquisa social no século XXI. **Estudos de Sociologia**, v. 25, n. 48, 2020.

LÉVY, P. (1998). **A inteligência coletiva por uma antropologia do ciberespaço** (L. P. Rouanet, Trad.). São Paulo: Loyola

LUPTON, D. **Digital Sociology**. Nova Iorque: Routledge, 2015.

MACKENZIE, D.; WAJCMAN, J. (eds) **The social shaping of technology**. 2nd ed. Open University Press, Buckingham, UK. 1999.

MARRES, N. **Digital Sociology: the reinvention of social research**. Malden, MA: Polity, 2017.

MISKOLCI, Richard. Sociologia Digital: notas sobre pesquisa na era da conectividade. **Contemporânea-Revista de sociologia da UFSCar**, v. 6, n. 2, p. 275, 2016.

MISKOLCI, Richard; DE FIGUEIREDO BALIEIRO, Fernando. Sociologia Digital: balanço provisório e desafios. **Revista Brasileira de Sociologia-RBS**, v. 6, n. 12, 2018.

McQUIRE, S. 2011. A casa estranhada. **Revista do Programa de Pós-graduação da Escola de Comunicação da UFRJ**, 14(1):27-66.

NASCIMENTO, Leonardo Fernandes. A sociologia digital: um desafio para o século XXI. **Sociologias**, v. 18, p. 216-241, 2016.

NASCIMENTO, Leonardo F. **Sociologia digital: uma breve introdução**. 2020.

OUDSHOORN, Nelly EJ; PINCH, Trevor. Introduction: How users and non-users matter. In: **How users matter. The co-construction of users and technology**. mit Press, 2003. p. 1-25.

PADILHA, Felipe; FACIOLI, Lara. Sociologia Digital: apontamentos teórico-metodológicos para uma analítica das mídias digitais. **Ciências Sociais Unisinos**, v. 54, n. 3, p. 305-316, 2018.

PADILHA, F.; FACIOLI, L. Colonialismo tecnológico ou como podemos resistir ao novo eugenismo digital – entrevista com Sérgio Amadeu Silveira. **Estudos de Sociologia**, Araraquara, v. 25, n. 48, 2020.

RÄSÄNEN, Minna; NYCE, James M. The raw is cooked: Data in intelligence practice. **Science, technology, & human values**, v. 38, n. 5, p. 655-677, 2013.

SELWYN, N. **What is Digital Sociology?**. Cambridge: Polity Press, 2019

SILVERSTONE, Roger; WILLIAMS, Raymond. **Television: Technology and cultural form**. Routledge, 2004.

SMITH, Merritt Roe; MARX, Leo (Ed.). **Does technology drive history?: The dilemma of technological determinism**. Mit Press, 1994.

THRIFT, Nigel. (2004), Remembering the technological unconscious by fo-regrounding the knowledges of position. **Environment & Planning D: Society and Space**, v. 22, n. 1, pp. 175-190.

WYNN, Jonathan R. Digital sociology: emergent technologies in the field and the classroom. In: **Sociological Forum**. Oxford, UK: Blackwell Publishing Ltd, 2009. p. 448-456.